



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

AULA PASSEIO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O APRENDIZADO

CLAUDIA MIRANDA AGUIAR

RIO DE JANEIRO

2017

CLAUDIA MIRANDA AGUIAR

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)

Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro

Dezembro

2017

Cláudia Miranda Aguiar

AULA PASSEIO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O APRENDIZADO

Monografia apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do título de Graduado em Pedagogia na Universidade do Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em

Banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Márcio da Costa Berbat

Adriane Ogêda Guedes

Escola de Educação – Departamento de Didática
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2017

“A escola Moderna não é nem uma capela nem um clube mais ou menos restrito, mas, na realidade uma via que nos conduzirá àquilo que, todos juntos, construirmos”.

”Célestin Freinet

AGUIAR, Cláudia Miranda. **Aula Passeio e suas contribuições para o aprendizado.**
Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, 2017.

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho monográfico é refletir sobre a importância da aula-passeio na construção do conhecimento de alunos e suas contribuições na aprendizagem. Discute-se também, como o professor pode aproveitar o interesse da criança, aos acontecimentos que ocorrem do lado de fora da sala de aula. Sendo assim, docentes e discentes tendem a desfrutar de experiências que serão construídas durante estas aulas. O estudo tem como base teórica Célestin Freinet, idealizador da aula-passeio. Espero que com o estudo de caso feito nesse trabalho, eu consiga compartilhar as minhas experiências e as muitas contribuições da aula-passeio na aprendizagem dos alunos, pois ela me chamou a atenção e me mostrou concretamente o potencial que esse tipo de aula proporciona.

Palavras-chave: aula-passeio; aprendizagem; experiências; alunos; Pedagogia Freinet.

ABSTRACT

The main objective of this monographic work is to reflect on the importance of class-walking in the construction of students' knowledge and their contributions in learning. It is also discussed how the teacher can take advantage of the child's interest to the events that occur outside the classroom. Thus, teachers and students tend to enjoy experiences that will be built during these classes. The study is based on theoretical Célestin Freinet, idealizer of the class-walk. I hope that with the case study done in this work, I will be able to share my experiences and the many contributions of the class-promenade in the students' learning, because it caught my attention and showed me concretely the potential that this type of class provides.

Keywords: class-walk; learning; experiences; Students; Freinet Pedagogy.

SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO.....	10
II - CAPÍTULO I – CELESTIN FREINET E SUAS GRANDES IDEIAS.....	11
1.1 - Freinet e suas contribuições.....	11
1.2 - O Papel do professor segundo a proposta pedagógica de Freinet.....	12
1.3 – A Pedagogia de Freinet.....	15
III – CAPÍTULO II - Aula-passeio, lugar de ensino e aprendizagem.....	16
2.1 – Aula-passeio de Freinet.....	16
2.2 – Aula-passeio, lugar de ensino e aprendizagem.....	18
2.3 - Memórias da Aula-Passeio: Na infância, como mãe e depois como estudante universitária.....	20
IV – CAPÍTULO III – DIÁLOGO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA.....	24
3.1 - Teoria e Prática.....	24
3.2 - Experiências através da Prática na Aula-Passeio da Educação infantil.....	26
3.3 - Práticas das aulas passeios nos Estágios do Ensino Fundamental e EJA.....	30
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
VI – REFERÊNCIAS.....	34

I - INTRODUÇÃO

O tema desse trabalho sempre me despertou o interesse, pelo simples fato de não ter tido a oportunidade de vivenciá-lo na época que estudei. A aula-passeio apesar de ter sido idealizada há tantos anos¹, não era uma prática comum nas escolas. Com a maternidade vivi algumas experiências com meu filho e quando retornei aos estudos, tive a oportunidade de conhecer e observar mais de perto a importância desse tipo de aula. O meu objetivo foi pesquisar o papel que a aula passeio desempenha na educação de crianças, tendo como referência uma turma de educação Infantil, dentro de uma escola pública no Rio de Janeiro. Em conjunto, procurei analisar suas contribuições no aprendizado, caracterizar sua importância para alunos e professores, suas expectativas e também algumas dificuldades relatadas. Utilizei como base bibliográfica Celestin Freinet e outros autores, para tentar identificar as contribuições da aula-passeio na aprendizagem, foi realizado um estudo de caso com a ajuda do meu caderno de campo. Tomei por base a experiência vivida durante o curso de Pedagogia, na disciplina de Estágio, quando fiquei durante alguns dias observando uma turma de Educação Infantil, onde a professora utilizou o método muitas vezes, pude estar em contato direto com a dinâmica da aula-passeio e tudo que ela pode oferecer de melhor. Confesso que as crianças se mostravam muito mais dinâmicas fora da sala de aula e se sentiam muito mais motivados e descontraídos. Neste momento professora e alunos se encontram em uma mesma natureza, com os mesmos desejos, desfrutar de um local agradável onde a troca de experiências é completa e com benefícios mútuos.

O primeiro capítulo deste trabalho é dedicado a Celestin Freinet e suas contribuições. Nele ainda será apresentado. O importante papel do professor segundo Celestin Freinet, que compara a criança a uma semente, e que na escola o professor é responsável pelo crescimento desta semente. Por este motivo é criado os 30 princípios / invariantes, para ajudá-los a trabalhar toda a Pedagogia Freinet.

Na sequência, o segundo capítulo é dedicado a aula passeio de Freinet, tema deste trabalho, como ela é planejada e as lembranças da aula passeio na minha infância, na educação do meu filho e depois como estudante de pedagogia dentro da Universidade..

O terceiro capítulo será um diálogo entre a teoria vista dentro da sala de aula da Universidade e as praticas vivenciadas nos estágios e na Universidade

¹ No início do século XX

Segundo Freinet (1973) não é necessário sufocar as crianças com matérias para que elas consigam aprender. O papel da escola e dos professores é de proporcionar situações por meio das quais as crianças sintam necessidade de agir, ou seja, fazer com que elas se dediquem intensamente à descoberta de algo que conseguiu despertar seu interesse. A partir das investigações a respeito do assunto, torna-se instigante a reflexão sobre a importância da Aula-Passeio e suas contribuições para o aprendizado. Para Freinet o ambiente fora da sala de aula é fundamental no desenvolvimento da criança: “Desde que as condições exteriores sejam favoráveis à germinação, há uma força que desperta, cresce, agita o pão de trigo, que começa a escalar para o esplendor do seu servir” (Freinet, 1998, p. 18).

CAPÍTULO I – CELESTIN FREINET E SUAS GRANDES IDEIAS.

1.1- Freinet e suas contribuições.

A temática deste estudo trata-se de uma das técnicas criadas por um ilustre educador conhecido por Celestin Freinet, que teve importante influência na prática pedagógica.

Célestin Freinet, educador francês, buscou desenvolver diferentes técnicas de ensino para o trabalho educativo com crianças. Tais técnicas baseiam-se na livre expressão da criança, bem como em sua criação (PAIVA, 1996; FREINET, 1979)

O educador Celestin Freinet nasceu no dia 15 de outubro de 1896 em Gars, povoado na região da Provença nos Alpes Franceses. Antes de se dedicar ao magistério, foi pastor de rebanhos. Durante a Primeira Guerra Mundial em 1914, lutou bravamente, porém os gases tóxicos do campo de batalha afetaram seus pulmões, infelizmente teve que conviver com a enfermidade para o resto de sua vida. Foi então que em 1920, em uma pequena aldeia de Barsur-Loup, resolveu lecionar e colocar em prática alguns experimentos, como o livro da vida e a aula-passeio. Em seus pensamentos havia um grande questionamento em relação as tarefas escolares repetitivas, achava bem mais atraente as atividades lúdicas e o momento do recreio. Com o objetivo básico de desenvolver uma escola popular, Freinet foi reconhecido como um dos mais importantes inovadores da educação do século XX. No ano de 1927 teve a ideia de fundar uma cooperativa, a mesma favorecia o intercâmbio de novos instrumentos

pedagógicos, ele a batizou como Cooperativa do Ensino Leigo. Cinco anos após o seu casamento que aconteceu no ano de 1928, Freinet foi exonerado do cargo de professor, tal atitude o incentivou a construir sua própria escola em Vence, tendo como parceira e divulgadora a sua esposa. Nos anos seguintes muitos contratempos ocorreram na vida do educador, foi preso durante a Segunda Guerra, adoeceu num campo de concentração alemão e depois de um ano quando foi libertado, resolveu aderir a resistência francesa ao nazismo. Com a vinda da paz, Freinet conseguiu reorganizar a cooperativa e a escola em Vence. Em 1956, a campanha 25 alunos por Classe, foi liderada por ele, foi vitoriosa. O número de alunos em sala de aula era crescente, o que causava uma grande preocupação entre os educadores. No ano seguinte, a Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna (Fimem), foi fundada por seus seguidores e hoje reúne vários educadores em cerca de 40 países. Freinet participava de vários seminários voltados para a educação, com o intuito de ampliar o seu conhecimento, recebeu grande influência do pensamento de outros autores como Rabelais, Rousseau, Montaigne e Pestalozzi.

Celestien Freinet faleceu no dia 08 de outubro de 1966, mas suas ideias humanistas e contemporâneas permaneceram. Com seu pensamento libertador e o conhecimento da pedagogia, ele objetivava a liberdade de pensamento de seus alunos, para que pudessem lutar contra a ignorância, alienação do pensamento e falsas consciências, só assim conseguiriam desenvolver sua própria autonomia de pensar. Com tal atitude a criança chegaria ao seu estágio pleno e seria capaz de se transformar em um adulto crítico e livre.

1.2 – O Papel do professor segundo a proposta pedagógica de Freinet.

Freinet percebeu que somente a transmissão de conselhos técnicos corria o risco de ser insuficiente, se estes não fossem acompanhados de instruções mais exatas. Por isso, organizou uma série de princípios que chamou de Invariantes Pedagógicas. Ele queria, assim, estabelecer uma nova gama de valores escolares, numa busca da verdade, que deveria ser a feita à luz da experiência e do bom-senso (SAMPAIO, 2007, p.80).

Há algum tempo atrás a o professor era visto como o dono da razão e o único detentor do conhecimento, onde os alunos eram apenas ouvintes e obrigados a serem uma máquina de decorar. Muita coisa mudou de lá para cá e muitos professores passaram a conhecer as propostas de Freinet, , mas muitos tinham dúvidas de como trabalhar com essa pedagogia. Segundo algumas referências, “para esses, Freinet criou a Cooperativa do Ensino Leigo,

(CEL) e 30 Invariantes Pedagógicas que dão suporte para o professor utilizar suas técnicas, que orientam e definem os princípios básicos para um melhor desenvolvimento do seu trabalho e conseqüentemente, tenham o respeito e uma relação de confiança entre seus alunos. E Com esse intuito de garantir que os professores interessados na Pedagogia Freinet conseguissem utilizar as técnicas de maneira eficiente, Célestin organizou esta coleção de princípios que guiam o professor em sua utilização.” Criada, inicialmente para auxiliar nas necessidades imediatas, decorrentes do crescimento dos interessados nas novidades da Pedagogia de Freinet, a CEL transformou-se, mais tarde numa organização internacional, tornando-se responsável pelo fornecimento de material pedagógico e publicas para milhares de associados no mundo todo.

De acordo com alguns autores, “a Pedagogia Freinet não possui regras ou normas previamente estabelecidas. Possui princípios, que são as invariantes pedagógicas, e é chamada dessa forma, pois são validas em qualquer lugar do mundo onde existam seres humanos e aprendizagem. Para Freinet, quando estes princípios são respeitados, a escola se transforma em um local onde a vida é respeitada e o processo educativo acontece naturalmente sem prejuízos para a formação dos estudantes.”

As 30 invariantes são:

1. A criança é da mesma natureza que o adulto.
2. Ser maior não significa necessariamente estar acima dos outros.
3. O comportamento escolar de uma criança depende do seu estado Fisiológico, orgânico e constitucional.
4. A criança e o adulto não gostam de imposições autoritárias.
5. A criança e o adulto não gostam de uma disciplina rígida quando isto significa obedecer passivamente uma ordem externa.
6. Ninguém gosta de fazer determinado trabalho por coerção, mesmo que, em particular, ele não o desagrade. Toda atitude imposta é paralisante.
7. Todos gostam de escolher o seu trabalho mesmo que essa escolha não seja a mais vantajosa.
8. Ninguém gosta de trabalhar sem objetivo, atuar como máquina, sujeitando-se a rotinas nas quais não participa.
9. É fundamental a motivação para o trabalho.
10. É preciso abolir a escolástica.
 - a) Todos querem ser bem-sucedidos. O fracasso inibe, destrói o ânimo e o entusiasmo.
 - b) Não é o jogo que é natural na criança, mas sim o trabalho.

11. Não são a observação, a explicação e a demonstração - processos essenciais da escola - as únicas vias normais de aquisição de conhecimento, mas a experiência tateante, que é uma conduta natural e universal.
12. A memória, tão preconizada pela escola, não é válida, nem preciosa, a não ser quando está integrada no tateamento experimental, encontrando-se, assim, verdadeiramente a serviço da vida.
13. As aquisições não são obtidas pelo estudo de regras e leis, como às vezes se crê, mas sim pela experiência. Estudar primeiro as regras e leis e colocar o carro na frente dos bois.
14. A inteligência não é uma faculdade específica, que funciona como um circuito fechado, independente dos demais elementos vitais do indivíduo, como ensina a escolástica.
15. A escola cultiva apenas uma forma abstrata de inteligência, que atua fora da realidade que fica fixada na memória por meio de palavras e ideias.
16. A criança não gosta de receber lições autoritárias.
17. A criança não se cansa de um trabalho funcional, ou seja, que atende aos rumos de sua vida.
18. A criança e o adulto não gostam de ser controlados e receber sanções. Isso caracteriza uma ofensa à dignidade humana, sobretudo se exercida publicamente.
19. As notas e classificações constituem sempre um erro.
20. Fale o menos possível.
21. A criança não gosta de sujeitar-se a um trabalho em rebanho. Ela prefere o trabalho individual ou de equipe numa comunidade cooperativa.
22. A ordem e a disciplina são necessárias na aula.
23. Os castigos são sempre um erro. São humilhantes, não conduzem ao fim desejado e não passam de paliativo.
24. A nova vida da escola supõe a cooperação escolar, isto é, a gestão da vida pelo trabalho escolar pelos que a praticam, incluindo o educador.
25. A sobrecarga das classes constitui sempre um erro pedagógico.
26. A concepção atual das grandes escolas conduz professores e alunos ao anonimato, o que é sempre um erro e cria barreiras.
27. A democracia de amanhã prepara-se pela democracia na escola. Um regime autoritário na escola não seria capaz de formar cidadãos democratas.
28. Uma das primeiras condições da renovação da escola é o respeito à criança e, por sua vez, a criança ter respeito aos seus professores; só assim é possível educar dentro da dignidade.
29. A reação social e política, que manifesta uma reação pedagógica, é uma oposição com o qual temos que contar, sem que se possa evitá-la ou modificá-la.
30. É preciso ter esperança otimista na vida.

Freinet (1998) compara a criança a uma semente, dizendo que a semente em solo precisa de luz, água e tudo para que germine e frutifique. Assim também são as crianças, em ambientes propícios crescerão e se desenvolverão muito bem. “Desde que as condições exteriores sejam favoráveis à germinação, há uma força que desperta, cresce, agita o pão de trigo, que começa a escala para o esplendor do seu servir” (p. 18).

1.3 – A Pedagogia de Freinet

A prática educativa baseada na Pedagogia de Freinet é considerada libertadora, visto que os problemas da vida e social são discutidos de forma aberta, entre educador e educando, onde o aluno tem a liberdade de ser crítico diante da realidade de sua sociedade. A sala de aula não é só o local de estudo, mas também o ambiente onde ele pode levar suas experiências e tornar o momento de aprendizagem muito mais agradável.

Porém a nossa pedagogia tem a pretensão de ser mais simples do que a pedagogia tradicional, pois é natural, quer dizer, baseia-se nos princípios e nos comportamentos do bom senso que qualquer um que possua este bom senso compreende e admite. Freinet (1975, p.120)

A luta por uma escola centrada na criança era uma forte característica do movimento pedagógico de Freinet, ela não seria mais vista como um indivíduo isolado, mas sim parte integrante da comunidade. A proposta do pedagogo seria a de uma escola que oferecesse mais prazer, onde a criança quisesse permanecer por mais tempo e também mais alegre. Porém a escola teria que se preocupar em fornecer tal ambiente ao aluno, práticas pedagógicas atentas ao ritmo e conhecimento de cada criança, respeitando as diferenças físicas, psicológicas e sociais. Recursos que auxiliam no desenvolvimento e interação do educando.

“Em resumo, o trabalho como base educativa prepara a harmonia social pela harmonia individual, é um estimulante para o estudo abstrato, é finalmente, um fator inestimável de moralidade e sociabilidade” (FREINET, 1998, p.94)

Freinet se dedicou a transformar a escola por dentro, pois acreditava que as contradições sociais começam a manifestar-se em seu interior. Mas para isso seria necessária a cooperação de todos os profissionais da educação, uma parceria para que se chegasse a um só objetivo, criar uma “escola do povo”. Sua maior preocupação era adaptar a escola tradicional às necessidades do mundo moderno, não só adquirindo material ou mobílias

novas, mas sim ter uma escola que atendesse exigências atuais e futuras. Céstin Freinet: Voltou às costas resolutamente a toda psicologia tradicional, artificial e espiritualista, apoiada nessas entidades imaginárias, as faculdades da alma, e orientou-se para a concepção de uma pedagogia de unidade e do dinamismo que ligasse a criança ao meio social (FREINET, 1978, p. 45).

Após frequentes observações Freinet chegou a conclusão que algo o incomodava, as crianças estavam sempre felizes no pátio, brincando e cheias de vida, mas ao entrar na sala de aula tudo se transformava, vinha à tona uma postura passiva, um desinteresse inexplicável. Foi quando percebeu que o contato com a realidade do meio em que vive, poderia produzir um aprendizado mais agradável e natural. O ambiente externo proporcionaria um melhor relacionamento com os colegas, professores e também os pais. Esta técnica de aula que viria ampliar a vivência recebeu o nome de aula-passeio e com certeza veio ampliar a construção de conhecimentos diversos.

CAPÍTULO II – Aula-passeio, lugar de ensino e aprendizagem.

2.1 – Aula-passeio de Freinet

A aula-passeio idealizada por Freinet visava levar os alunos a ter um contato direto com a realidade, essa técnica priorizava a saída da criança da sala de aula e da escola. Afinal, “a função educativa não está de modo algum confinada às paredes da escola” (FREINET, 1966, p. 296). Com o objetivo de motivar e aprofundar os conhecimentos trabalhados em sala de aula, as visitas atuavam como ferramenta fundamental para acrescentar novas experiências. Ao voltar da aula-passeio o que se podia presenciar, eram os comentários sobre as observações feitas, a alegria e motivação de todos. A partir daí o professor estaria preparado para avaliar a aula, através de desenhos e outras atividades, relacionadas a tudo que foi vivenciado. Freinet não estava satisfeito com o ensino tradicional, chamava de tateio experimental a capacidade de a criança formular suas próprias hipóteses, a ideia era relacionar a observação feita fora da sala de aula, com a capacidade de refletir e transformar a mesma em conhecimento. Desde então a aula-passeio vem sendo realizada, da Educação Infantil ao Ensino Médio e tem revelado grandes resultados em trabalhos e projetos confeccionados pelos alunos. Essas saídas possibilitaram a criança, dar um novo sentido aos conteúdos

aprendidos, o que seria uma característica da Escola Nova, utilizar o conhecimento prévio para melhor trabalhar.

A classe-passeio foi para mim a tábua da salvação. Em vez de cochilar diante de um quadro de leitura do reinício das aulas à tarde, saíamos para o campo que circundava a aldeia. Ao atravessar as ruas, parávamos para admirar o ferreiro, o marceneiro ou o tecelão, cujos movimentos seguros nos despertaram a vontade de imitá-los. Observávamos o campo nas diversas estações: no inverno, quando eram abertos grandes panos debaixo das oliveiras para receber as azeitonas que caíam; ou na primavera, quando as flores de laranjeiras desabrochadas pareciam oferecer-se à colheita. Já não examinávamos escolarmente as flores e os insetos, as pedras e os riachos à nossa volta. Nós os sentíamos com todo o nosso ser, e não só objetivamente, mas com toda a nossa sensibilidade... (FREINET, 1998, p.27).

Durante todos esses anos, apesar da aula-passeio produzir resultados surpreendentes, muitos educadores se opõem ao método de Freinet, alguns pelo simples fato de estarem acostumados ao método tradicional, outros por não aceitarem a ideia de que o aluno deve obter o conhecimento através de o seu próprio olhar e não pelo dele. O que deve ser levar em conta é que a Aula-Passeio não é um tempo desperdiçado, todas as disciplinas podem se beneficiar deste mecanismo. Há uma importância muito grande no professor estar próximo ao aluno, durante uma Aula-Passeio, os laços tendem a ser estreitados em uma simples conversa, numa rodinha sentados ao ar livre. O próprio Freinet chamou a atenção ao retirar a cadeira e sentar-se no chão junto dos seus alunos.

Meu único mérito como pedagogo é talvez o de haver conservado uma influência tão marcante de meus primeiros anos, que sinto e compreendo, como criança, as crianças que educo. Os problemas que elas se colocam que são tão grave enigma para os adultos, eu os coloco ainda para mim mesmo, com as claras lembranças de meus oito anos e é como adulto-criança que detecto, através dos sistemas e métodos com que tanto sofri os erros de uma ciência que esqueceu e desconheceu sua origem. (FREINET. 1979, p. 28)

O que pode ser constatado é que tanto no início do século XX como nos dias de hoje, a Aula-Passeio tem motivado sempre a livre expressão da criança e a identificação do objeto observado, trazendo muito mais respostas para suas ações. Cabe ao professor orientá-los à cerca de suas explorações, aceitando e debatendo a livre expressão do aluno, pois esta é a maneira que ele tem de manifestar suas ideias e pensamentos.

Ao pensar sua proposta pedagógica, Freinet levou em conta a ideia de que o aluno é capaz de educar-se tendo apenas o auxílio do professor, não precisando existir uma

interferência direta do mesmo, quando se fala em direcionar à aprendizagem. Pois se elas são capazes de ser educada por um adulto, o professor passa a não ser mais o centro das atenções. O mais importante é o professor saber entender o aluno, demonstrar-lhe afeto e atendê-los quando necessário. Ame-os! “Espalhe a sua bondade a sua volta e sentirá poderosamente a sua ação” (FREINET, 1998, p.276).

2.2 – Como planejar uma Aula-Passeio.

De um modo geral, a criança cria condições para que o ambiente em que circula, seja repleto de motivação, curiosidades e questionamentos que os fazem felizes. Quando estamos dentro da sala de aula, a criança absorve o conteúdo através do quadro de giz, filmes e outras ferramentas pedagógicas, mas só terá a constatação da teoria a partir do momento que estiver próxima a realidade. Para toda prática ter um bom resultado, é necessário que haja um planejamento eficaz e aprofundado. Seja qual for o objetivo da saída, a técnica da Aula-passeio precisa ser analisada com muita responsabilidade. É de praxe que todo trabalho de campo, deve estar diretamente relacionado com o conteúdo transmitido dentro da sala de aula. A investigação feita durante a Aula-passeio pode compreender diversas disciplinas, para isso é preciso que o educador esteja ciente dos diferentes objetivos e conceitos a serem explorados. O professor deve fazer uma boa pesquisa do trabalho programado para a Aula-passeio, locais a visitar, destinos com bom acesso, informações detalhadas, para que a atividade seja bem aproveitada pelos alunos.

Todo projeto deve ter uma avaliação prévia da coordenação pedagógica, analisar se o local escolhido para a visita se encaixa no conteúdo curricular. É fundamental levar em conta as sugestões do professor, que irá colocar a importância da interação externa com a programação dada em sala de aula. Nunca esquecer que no plano da Aula-passeio, tudo deve partir do real, experiências que o aluno já possui podem ser aproveitadas, para que se chegue ao objetivo final que é a formação do ideal, tendo o professor como mediador deste processo.

[...] a experimentação, sempre que isso for possível, que pode ser tanto observação, comparação, controle, quanto prova, pelo material escolar, dos problemas que a mente se formula e das leis que ela supõe ou imagina. A criação, que, partindo do real, dos conhecimentos instintivos ou formais gerados pela experimentação consciente ou inconsciente, se alça, com a ajuda da imaginação, a uma concepção ideal do dever a que ela serve. Enfim, completando-as, apoiando-as e reforçando-as, a documentação – a busca da informação desejada em diferentes fontes – que é como uma tomada de consciência da

experiência realizada, no tempo e no espaço, por outros homens, outras raças, outras gerações. (FREINET, 1998, p. 354-355)

É preciso que o aluno seja preparado do ponto de vista intelectual, estimulá-lo a coleta de dados, proporcionar discussões e ampliar os conceitos científicos. A proposta para uma boa Aula-passeio tem como início a motivação, todo acontecimento deve ser resultado de um estímulo, preparar as condições favoráveis para um aprendizado eficaz é imprescindível. O plano pedagógico precisa ser realizado por todos os envolvidos, formar um projeto para o passeio é dever da escola, professor e alunos, para que seja algo maravilhoso, não esquecendo que esta é uma oportunidade de, também, fazer com que o relacionamento entre todos os participantes sejam ampliados, proporcionando uma melhor troca de informações e conhecimentos.

Mas como o professor deve se estruturar? Primeiramente colher informações e opiniões dos alunos, saber quem já foi ao local alvo do planejamento, se o local for realmente o escolhido, deverá ser realizado um roteiro prévio de tudo que for entendido como importante para a observação. A maneira de como serão transportados também é muito importante, se irão em transportes, segurança dos alunos, relacionamento com as pessoas que terão contato e outros.

A preparação é uma das condições de sucesso. Sem ela, e depois sem o prolongamento e a comunicação, não haverá senão uma troca de lugares que arriscará ser mais próxima do turismo do que de um empreendimento educativo (SAMPAIO, 1996, p. 183).

Todas as aquisições feitas durante as saídas são resultados de um planejamento e o desejo de conhecer algo novo, a curiosidade do aluno em relação ao novo local de estudo, sendo assim, refletir e compreender novas informações é um caminho para transformar a sua vida em diferentes aspectos.

Ao retornar de uma Aula-passeio tudo é motivo de comentário, o professor poderá usar a euforia e todas as lembranças do momento fora da sala de aula, para estimular o aluno a questionar e expor sua opinião sobre o conteúdo observado. Uma discussão dentro da classe, mais os dados coletados, proporcionará uma aula dinâmica e agradável. O momento será ideal para criar um clima de investigação, junto a todos. Poderá ser criado um vínculo entre a Aula-passeio e todas as informações que ele tinha antes, levando o aluno a ter uma maior autonomia ao viver situações reais, ampliando o seu campo das investigações.

Sendo assim, após a Aula-passeio poderão ser elaboradas diversas atividades que serão usadas como avaliação, tendo como fonte de conhecimento as observações feitas fora da sala de aula, conseguindo assim estabelecer uma favorável relação entre teoria e prática.

2.3 - Memórias da Aula-Passeio: Na infância, como mãe e depois como estudante universitária.

A história da minha formação foi marcada por muitos professores, alguns me deixaram boas recordações, me motivaram, confiaram em mim, outros me desanimavam com seus métodos de aprendizagem. Algumas aulas eram produtivas, outras monótonas, mas cada uma contribuiu da sua maneira para o meu aprendizado. Essa aula expositiva realizada em sala de aula é a modalidade de ensino mais comum, desde há muito tempo. E ela me acompanhou durante toda minha caminhada, sempre voltada na transmissão dos conteúdos escolares aos alunos sob o comando do professor, com apoio indispensável dos Livros Didáticos, sendo o aluno neste tipo de aula um sujeito receptor e passivo. Lembro que, muitas vezes, um só professor atendia a um grande número de alunos conferindo-lhe, ao mesmo tempo, grande segurança e garantindo-lhe assim, o domínio da classe que era mantida quieta sem oportunidades de manifestar-se. As aulas passeio da minha época eram passeios mesmo, eram pagos e eram só entretenimento. Não tinha nenhum sentido pedagógico.

Era uma época em que o poder disciplinar era visto como algo exercido de forma vertical, de cima para baixo, onde a repressão era uma característica definidora das práticas de poder, suprimindo a liberdade. Ninguém podia falar nada, só ouvíamos e escrevíamos, éramos como robôs, por isso “as rodas de conversa” que são feitas em aula me surpreenderam muito. Muitos acham que o poder produz realidade, conhecimento e que torna o indivíduo pronto para a sociedade. O poder acaba investindo sobre o indivíduo tornando-o “o bom” ou “o mau” aluno, “o inteligente” ou “aquele que não quer nada”, “o cidadão perfeito” ou “o delinquente”, enfim algo que acaba interferindo nos resultados escolares. Os “bons” sempre cada vez mais valorizados e os “maus” sem chances de conseguir melhorar. E isso me fez lembrar aquela frase tão conhecida e tão falada, “aquele menino não tem jeito!”

Só no Ensino Médio, com a mudança de escola, conheci outra didática, onde os professores faziam os alunos se interessarem mais pela aula. Meus aprendizados eram através de textos, trabalhos em grupos, mais trabalhos que avaliações, e conheci professores diferenciados e alguns desses me mostrou o ensino fora da sala de aula, profissionais que enxergavam o interior dos alunos e isso fazia com que as aulas fossem diferentes e nem um

pouco monótonas. Foi aí que fui apresentada ao ensino fora da sala de aula, me levando à lugares que não imaginava ter tantos aprendizados só com o olhar, o tocar, sem livros ou cadernos para anotações. Pela primeira vez me sentia feliz, com a liberdade de perguntar e aprender. E isso me fez tão feliz que pensei, quando ingressasse na Faculdade, gostaria de seguir esse modelo de educação.

Depois da maternidade, acompanhei sempre meu filho no seu caminho escolar e percebi que muita coisa não mudou na nossa educação, principalmente no ensino fora de sala de aula. Claro que foi muito diferente do que vivi, pelo menos algumas coisas eram, ele já fazia pequenos seminários, rodas de conversa, auto avaliação, aulas passeios. Foi a partir daí, que comecei a entender o sentido desse tipo de aula diferenciada, como alguns dizem. Pois no tempo que estudei, existiam as excursões, eram pagas e não era exatamente uma aula. Hoje existem muitos termos usados para esse tipo de prática, trabalhos ou aulas de campo, viagens de estudo, estudos do meio, entre outros.

Ele participou de muitas atividades “extraclases”, como por exemplo: aulas práticas em laboratórios, aulas no pátio da escola, na biblioteca, no ginásio de esportes em vários ambientes disponíveis na escola, e fora da sala de aula. E todas fora do ambiente da sala de aula, foram situações de ensino-aprendizagem instigantes e facilitadores de novos aprendizados. Todos esses momentos que ele participou, percebi seu envolvimento físico com o objeto de conhecimento e aquilo parecia trazer um ganho a mais se comparado às leituras e memorizações que são comuns nas aulas expositivas em sala de aula. Até mesmo no momento de fazer um relatório, um teste ou até mesmo uma prova, era muito mais fácil relatar e lembrar “daquela aula fora da sala de aula”, do que ler ou estudar um capítulo do livro.

Mesmo estudando num colégio militar, onde o ensino, hierarquia e a disciplina andam lado a lado, as aulas passeios davam liberdade na maneira de pensar e escrever, e contribuíam muito na hora de relacionar o que tinha sido visto fora de sala com o que era visto dentro de sala de aula com os textos e livros didáticos. Fui testemunha de que as aulas passeios para ele eram prazerosas, mas infelizmente nem todos os professores utilizavam esse método em seu cronograma. A maioria, não queria sair de sua zona de conforto e preferiam seus métodos tradicionais. Entretanto é necessário que os professores tenham uma visão ampla e que possam estabelecer uma estratégia de ensino para o aluno de uma maneira agradável, prazerosa e construtiva. E dessa forma, fazer parte do hábito de cada criança. Eu me refiro a tudo que se faz dentro da sala de aula. Desde as matérias mais complexas como matemática e física até geografia e história, por exemplo! Por que ter que decorar livros e mais livros?

Hoje, percebo que o bom professor é aquele que sempre está diversificando o seu plano de aula, não fica na monotonia só por que isto é cômodo para ele ou porque estar no Currículo. Isso pude observar em todos os estágios que fiz. Muitos exercem a função de professor, compreendendo que para ensinar temos que sair do conforto e ir de encontro com o desconhecido, com o que é possível fazer naquele ambiente ou principalmente fora dele!

E a aula passeio esta presente para ir a esse encontro.

Comigo isso só foi acontecer realmente, como algo rotineiro, na UNIRIO. Já estava já a um bom tempo fora das salas de aula, por isso, precisei mudar minha postura, pois ali era incentivada a participar, colocar meu ponto de vista, concordar ou discordar, tive que superar minha timidez, isso ainda não é muito fácil. Mas confesso que melhorei e tenho melhorado muito.

Alguns trabalhos aplicados pelos professores e algumas disciplinas, me deixavam entediada, que me lembrava da época que tinha estudado, mas aos poucos fui conhecendo outras atividades, professores incríveis e conhecendo disciplinas que me despertaram muito interesse. E diante de todas as novidades estavam às aulas passeios. Não foi novidade para mim, já tinha vivenciado isso um pouco no final do ensino médio e também com meu filho, mas naquele momento vivenciava como se fosse uma novidade, era um momento diferente, uma nova época, um momento todo meu. Algumas disciplinas falavam sobre esse tipo de aula, lemos alguns textos e logo no primeiro período fizemos algumas, o que nos ajudou muito nas avaliações finais, pois foi muito mais fácil, fazer um seminário, por exemplo, falando o que tínhamos vivido, sentido e visto, em tal lugar. Muito melhor do que lermos textos e mais textos para realizar um trabalho em cima disso. A partir daí, passou a ser algo comum no processo de minha formação e quando chegaram os estágios pude perceber isso mais de perto, dentro da escola com os alunos.

Com tudo que vi e vivi, comigo, com meu filho, na Universidade e nos estágios obrigatórios, percebo que, desde pequenos as crianças já precisam ser estimuladas da melhor maneira possível dentro da sala de aula para que no futuro se interessem pelas disciplinas futuras. E a melhor maneira possível seria relacionar o que é visto em sala de aula com o que pode ser aprendido fora dela. Pois a vivencia de campo permite uma liberdade de conhecimento, possibilitando o confronto entre a teoria e prática, além de permitir o contato com a natureza, respeitando limites espaciais, pensando sempre na conscientização ambiental, que hoje é uma preocupação de todos. E a aula passeio nos remete a tudo isso. Mas um dos grandes problemas é que a sociedade está acostumada a encarar e a vivenciar a aula passeio

somente como lazer e entretenimento, e, muitas vezes, como algo inútil. Pude perceber isso no estágio de Educação de Jovens e adultos onde os alunos consideram que o “Aprender” está somente dentro da sala de aula. É preciso orientar pais e alunos a respeito disso. Mostrar as vantagens desse tipo de aula, pois essa estratégia, que foi desenvolvida, inicialmente, por Freinet, a partir da observação que ele fazia dos próprios alunos em atividades ao ar livre, tem quase um século de existência. E ainda discutimos hoje suas vantagens.

É nesse sentido que se defende a introdução das aulas passeios no âmbito educacional, especificamente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, fase em que se inicia a construção do saber, do fazer, do inventar, do apreciar, alicerce para a construção da vida. Para isso o professor precisa ter o desejo e a motivação e a escola como instituição também consiga se renovar. E a aula passeio possui um importante papel pedagógico nisso. Dentro da sala, fazemos uma leitura da realidade, acompanhado dos livros didáticos, a saída pedagógica abre espaço para que cada um faça uma observação pessoal. Naquele momento, podemos identificar as diferenças do que vemos nos livros e o que vivenciamos naquele momento, ao vivo, a cores, sem recortes, sem textos, sem o relógio para controlar uma atividade. Sem falar nas sensações que sentimos ao estar diante da natureza, o toque, o cheiro, o confronto com a beleza, com a feiura, espanto, curiosidade, a alegria e a tristeza. Tudo se mistura naquele momento, é uma mistura de sensações.

Vivemos numa sociedade em constante mudança, onde o conhecimento é atualizado e reelaborado a todo o momento e a escola enquanto formadora do cidadão crítico deverá repensar estratégias inovadoras utilizando as mais diversas ferramentas disponíveis para manter as crianças dentro do espaço escolar. O professor hoje compete junto a toda essa tecnologia disponível e ele como agente mediador no processo de formação de um cidadão apto para atuar nessa sociedade de constantes inovações, tem como desafios incorporar as ferramentas tecnológicas no processo de ensino e aprendizagem, tornar as aulas atraentes e buscar formas para facilitar a aprendizagem.

Por isso o meu desejo de falar nesse assunto, é algo que trago do meu passado, coisas que me decepcionaram na forma de ensino aprendizagem e que hoje consigo observar de uma forma diferente, não busco o certo ou errado, apenas gostaria de falar sobre o cotidiano, sobre as praticas, as experiências, deixar um pouco da minha interpretação sobre o que eu vivenciei a luz da teoria de um autor, que aprendi a admirar e respeitar, Celestin Freinet. Hoje a meu entender falta a escola, buscar seus sonhos, seus desejos. O que nos forma são todas as diferentes linguagens, as diferentes interpretações de escrita, de oralidade, de cultura.

Assim também acontece conosco, não podemos ficar parados no tempo, senão ele certamente nos deixará para trás. Falo isso, porque ao analisar o que aprendi na UNIRIO, vejo como muitos conceitos foram ultrapassados e o quanto de novo tenho aprendido neste curso, daí a importância de estar a cada dia se atualizando, buscando aprender mais, não parar de ler, pesquisar... Adquirir novos conhecimentos. Enfim, assim é a vida, um eterno processo, aberto a mudanças e a inovações.

CAPÍTULO III - DIÁLOGO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

3.1- Teoria e Prática

[...] A aula passeio constituía para mim uma tábua de salvação. Em vez de me postar, sonolento, diante de um quadro de leitura, no começo da aula da tarde, partia com as crianças, pelos campos que circundavam a aldeia. [...]. Falávamos, comunicávamos, num tom familiar, os elementos de cultura que nos eram peculiares e de que tirávamos todos, professor e alunos, benefícios evidentes. Quando voltávamos à aula, fazíamos no quadro o balanço do “passeio”. (FREINET, 1973, p. 23-24)

Ao iniciar os Estágios obrigatórios, pude confrontar a teoria vivida na Universidade com a prática desenvolvida dentro da sala de aula com os alunos. Pois o professor não pode se constituir apenas com a teoria, mesmo ela tendo sua importância. Acredito que essa relação vai se formando aos poucos, com a ação e reflexão que o educador vai construindo e os muitos textos que lemos de diferentes referenciais teóricos, significa buscar compreender a prática que iremos vivenciar. No meu caso, os textos de Celestin Freinet, me fez observar nos estágios, como o uso de suas técnicas criadas no século passado², permitem um trabalho pedagógico de sucesso na sala de aula hoje, mesmo com toda tecnologia que vivemos, a sua pedagogia pode auxiliar o professor na educação das crianças e jovens da atualidade. A aula passeio me chamou a atenção por isso, não é preciso nenhuma tecnologia e mesmo assim representou um sucesso por onde passei.

Ela teve um significado diferente em cada lugar que estive durante os estágios obrigatórios. Pude perceber que dependendo do local em que a escola se situa, ela pode ter diferentes significados, formas e dificuldades de serem executadas. Por isso acho importante comentar um pouco cada escola em que eu estava inserida. Além disso, não é só a escola,

² As técnicas de Freinet tiveram evidências na década de 20.

nem todos os professores pensam da mesma forma, cada um tem sua própria visão do significado da aula passeio.

Tomarei por base o que eu vivenciei, mas não significa que hoje esteja da mesma forma, pois a aprendizagem depende de diversos fatores, interesse, criatividade e motivação, tanto dos alunos como dos professores. Isso sem falar no ambiente que deve favorecer o interesse e a permanência do aluno na escola.

A escola, claro é muito importante, mas, não é o único local que se adquire conhecimento e é pensando nisso que as atividades extraclasse ganham destaque cada vez mais. Pois além de contribuir para a formação do aluno, complementa os ensinamentos dentro da sala de aula.

A maior parte das atividades que ocorrem durante o ano, é dentro da sala de aula. É evidente que é necessário inovar, reconceber métodos antigos e também criar outros caminhos no processo de formação dos estudantes, O aluno de hoje em dia não é mais o mesmo da minha época, por exemplo. É necessário ultrapassar os modelos do ensino tradicional, práticas que valorizem seu cotidiano. Eu estudei numa época que não existiam computadores, o quadro negro era o único recurso e era indispensável. Hoje podemos contar com as tecnologias sempre presentes e em tempo real. Por isso é necessário que os professores busquem e inovem sempre que possível. E sair do ambiente convencional de ensino pode gerar uma nova visão do que está sendo estudado.

As aulas passeio , pelo que vivenciei, são aulas diferenciadas, aulas realizadas fora dos ambientes tradicionais de ensino, que é a sala de aula. Ainda não tenho experiência dentro de sala como professora, as únicas foram nos estágios, como estudante do curso de licenciatura em Pedagogia.

E quando iniciei os estágios obrigatórios vivi experiências incríveis, foram meus primeiros contatos com alunos e professores, Sempre com meu caderno de campo em mãos, pude observar e anotar, os muitos momentos da criança, na sua maioria, o que as entediavam e o que as desinteressavam dentro da sala de aula. Sempre atenta também, as diversas maneiras que professores conduziam suas aulas, alguns buscando sempre a melhor forma de ensinar, tentando utilizar uma linguagem que facilitasse a interação com seus alunos. Muitas vezes foi possível notar que nem sempre os alunos participavam ou sentiam se integrados a aula. Notei que, a escola já não era um local agradável para algumas daquelas crianças. Dependendo da maneira do professor, da didática que ele utilizava, muitos alunos se dispersavam e se desinteressavam. Lembrei-me de minhas aulas de Ciências naturais na

UNIRIO, onde conheci através de textos, um dos pedagogos mais fascinantes da educação, Celestin Freinet que defendia as necessidades de seus alunos numa época tão rígida. Observei meu caderno de campo, e fiz anotações de, como as escolas e professores poderiam reverter essa situação? O que poderia ser feito? Como tornar a sala de aula interessante?

E ao realizar, por exemplo, uma aula passeio, pude observar que a participação e envolvimento dos alunos nas atividades foram mais significativos do que a aula em si. Antes de falar do Estágio de Educação Infantil, onde foi a base para realizar esse trabalho, gostaria de escrever minhas experiências de aula passeio nos outros estágios e na universidade. Pois assim consigo fazer uma relação de como ela foi vista em diferentes lugares, com indivíduos de diferentes idades e também com professores vivendo diferentes situações.

3.2 – Experiências através da Prática na Aula-Passeio da Educação infantil

“Criança são aquelas “figurinhas” curiosas e ativas, com direitos e necessidades que precisam de um espaço diferente tanto do ambiente familiar, onde é objeto do afeto de adultos (em geral, adultos muito confusos) quanto do ambiente escolar tradicional (OLIVEIRA, 2002, p 45)”.

As Crianças gostam de se sentirem livres, são imitadores dos adultos, absorvem tudo o que veem e ao que acontece ao seu redor.

Freinet (1998) compara a criança a uma semente, dizendo que a semente em solo precisa de luz, água e tudo para que germine e frutifique. Assim também são as crianças, em ambientes propícios crescerão e se desenvolverão muito bem. “Desde que as condições exteriores sejam favoráveis à germinação, há uma força que desperta, cresce, agita o pão de trigo, que começa a escala para o esplendor do seu servir” (p. 18). 10

O Estágio de Educação infantil foi o que mais me motivou para a realização desse trabalho. Foi ali que vivenciei as aulas passeios mais de perto e com mais frequência. Foi o meu primeiro estágio obrigatório e como a professora regente já tinha esse hábito com as crianças, o assunto me despertou e só fez crescer minha curiosidade sobre quem havia sido o pioneiro dessa grande ideia. E junto com a minha disciplina de estágio pude pesquisar e me interar do assunto.

Durante o estágio, a professora Denise me confessou que nem sempre podia realizar por não ter uma professora auxiliar, mas com a minha presença, isso já não seria mais um problema. Pois se tratavam de crianças com idade média de 5 anos e realmente era necessário um auxílio. Preciso relatar antes, que a escola que realizei o estágio é uma escola pública, que

se situa em um lugar privilegiado, em um dos pontos turísticos mais importantes do Rio de Janeiro. Isso, claro, facilitou muito as aulas fora de sala. A escola fica na Urca, um bairro nobre do Rio de Janeiro. Uma escola de construção antiga, destinada à instalação de um Jardim de Infância, num prédio adaptado, pois era anteriormente Balneário. Sua inauguração foi no dia 03 de março de 1958. A escola foi inaugurada com capacidade para 133 crianças e hoje ela atende a sete turmas, totalizando 146 crianças, todas de Educação infantil.

A escola é rodeada de natureza pura, praia, montanhas, trilhas, praças, e o único som que temos são dos pássaros, das ondas e das crianças correndo e falando.

E por ser meu primeiro estágio, fui contagiada, tudo naquela escola parecia perfeito e conseqüentemente, as aulas passeios também seriam. Toda essa mágica foi quebrada ao realizar outros estágios, onde observei os contrastes, diferenças e realidade de outras escolas. Observei como a aula passeio depende muito de onde a escola está localizada. Isso pode facilitar como também prejudicar sua realização. No caso dessa escola, as aulas tinham tudo para serem maravilhosas, por conta de todo o cenário no entorno. Isso foi impactante num primeiro momento, entrar naquela escola onde as janelas da sala de aula, davam para a praia vermelha, ponto turístico na Urca, onde a gente vê o mar e só ouve o barulho das ondas e pássaros.

E mesmo assim, durante minha permanência ali, reparei que nem todos os professores tinham esse hábito. Aliás, eu não presenciei nenhum. Preferiam ficar com as crianças trancadas dentro de sala e o máximo que faziam era levar no parquinho da escola.

A turma Azul que acompanhei junto com a professora, muitas vezes preferia o parquinho da pracinha à escola. Esse parquinho ficava a alguns metros dali e as crianças usavam os brinquedos normais de uma pracinha, aqueles antigos de madeira, os brinquedos ficavam na areia e as crianças podiam tirar os sapatos, ficar descalças, pisar na areia, correr. No entorno da escola, as muitas palmeiras chamavam a atenção das crianças, pois os pássaros que ali viviam, andavam pelo chão da praça bem perto das crianças, vinham em busca de galhos, provavelmente para construir seus ninhos. As crianças adoravam, se divertiam, iam atrás e conversavam com eles e depois já na sala, cada uma desenhava seus pássaros a sua maneira..

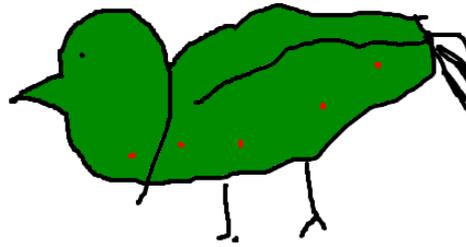


Ilustração I – Desenho feito pelo aluno da Ed. Infantil – Arquivo da Estagiária.



Ilustração II – Desenho feito pelo aluno da Ed. Infantil – Arquivo da Estagiária

Ao lado da escola fica a pista Claudio Coutinho, que tem entrada no final da Praia Vermelha, localizada ao lado da escola e é um caminho pavimentado com asfalto e em todo seu trajeto, tem as encostas rochosas e as matas. Ela contorna até quase a extremidade do Pão de Açúcar. Fizemos algumas aulas passeios ali, não tão longas, por serem crianças pequenas. É um local que podemos caminhar cercado pelo mar de um lado e pelo verde do Morro da Urca do outro, podendo observar árvores nativas como pau-brasil e figueira e alguns animais silvestres. As crianças observavam as plantas, os insetos, queriam levar as minhocas, explicávamos que não podíamos tirá-las do seu ambiente, tocavam em tudo, perguntavam o tempo todo. O contato com o conhecido nas imagens dos livros e também com o desconhecido, despertavam a curiosidade e interesse. Fazíamos também as aulas na praia. As crianças adoravam, levavam o seu lanche e passávamos um bom tempo ali, eles descalços, observavam a natureza, escreviam na areia, as letras, seus nomes, contavam as árvores as

conchas, separavam pedrinhas. Sem falar na liberdade de estarem ali com os pés na areia, podendo correr, sentiam a liberdade que não existe em nenhuma sala de aula. Quando retornavam queriam contar tudo que tinham visto, tocado, sentido. Queriam desenhar, contar história.

A professora comentou que os professores não tinham o hábito de fazer esse tipo de aula, que tem professora que não sai nenhum dia, que não gosta desse tipo de aula., que acham perigoso, porque eram muito pequenos, que isso atrapalhava o andamento das aulas, as crianças ficavam agitadas e chegavam cansadas e sujas.

A maioria só sai nos passeios em que a escola inteira tem que ir. Muitas se sentem cansadas, outras não dão tanta importância e não querem muito trabalho e para esse tipo de aula você precisa se organizar e isso dá trabalho.

Realmente, ainda mais por serem pequenas a atenção precisava ser desdobrada, e, haviam sim alguns cuidados extras, mas o resultado era tão positivo, que não nos importávamos com isso. E pelo contrário, elas chegavam muito mais dispostas, conversavam com os amigos, trocavam experiências, e sempre querendo um falar mais que o outro. A professora sempre participava os pais das aulas passeios, compartilhava as fotos dos filhos em um grupo de pais no celular e eles sempre comentavam e aprovavam, diziam que os filhos chegavam animados e com muitos aprendizados.

A turma Azul era uma das turmas mais falantes e carinhosas da escola com a professora e comigo. Claro que tinha momentos que eles se desentendiam, discutiam, ficavam mais agitados, mas nada fora do controle. Quando isso acontecia, a professora já sabia que as paredes já começavam a incomodá-los, a gente planejava o que podíamos fazer com eles fora de sala, pois dependia também muito do tempo e por ser um local bem no litoral, ventava muito, e tínhamos que ter alguns cuidados. A professora não seguia um planejamento, disse que não tinha como seguir um roteiro ou currículo, que muitas vezes decidia no dia o que fazer, pois tudo dependia da necessidade que as crianças demonstravam e do clima dentro de sala.

Acho importante colocar alguns pontos de vista da professora, pois para ela o mais importante em primeiro lugar é o professor acreditar na aula passeio como um instrumento de aprendizado e não um passeio recreativo e que é necessário fazer com que os alunos entendam a importância da aprendizagem fora da sala de aula. E que se o professor consegue ter o apoio e a confiança dos pais, e credibilidade em seu trabalho, ele certamente será bem sucedido!

Senti que a partir daquele momento fui tocada pelos princípios de Freinet e passei a admirá-lo muito mais. Ele me proporcionou observar como o contato direto com a natureza transforma atitudes e a maneira de ler o mundo. Não essa leitura de mundo, através dos livros, de grafia, de leitura. Não! A leitura de mundo em poder sair, ir de encontro à natureza, ir à praia, sentir o cheiro do mar, sentir o vento. E é isso que a aula passeio proporciona.

Ao final do estagio tive curiosidade de saber dos alunos suas opiniões sobre os passeios e mesmo eles tendo idade média de cinco anos tinham muitas opiniões. A professora me autorizou conversar com eles e quis saber qual passeio gostaram mais, se só se divertiram ou aprenderam. As respostas eram as mais variadas, legal, feliz, união, divertido, conheço coisas, a maioria achava muito legal e que aprendiam muitas coisas. Ou seja, conclui-se que mesmo sendo tão pequenos, para eles, aqueles era um momento de diversão e aprendizagem. E assim como Freinet (1998) cita, são sementes que, quando alimentadas, florescem! Se o educador alimenta os seus alunos com a cultura, com a diversidade, com meios que o ajudam a aprender melhor, logo esses alunos serão capazes de se comunicarem numa sociedade onde o senso crítico, o desenvolvimento pessoal e intelectual se destacam como pontos relevantes. Assim, as crianças futuramente atenderão não só o que a sociedade anseia, mas conseguirão extrapolar todo o anseio e desejo a partir da sua busca pela inteligência individual e social.

Posso dizer que foi uma das melhores experiências que tive de Estágio. Sim, o local é contagiante, e isso interfere nos professores e também nas crianças. Muito diferente do estagio de ensino fundamental, onde as crianças já chegavam agitadas, discutindo, até mesmo com os professores. Infelizmente é o contraste que vivemos e vemos dentro do nosso país. Escolas publicas com diferentes realidades.

É de tamanha responsabilidade o papel de professor, que Freinet (1978, p.38) enxerga na sua figura a luz para a construção de um novo futuro: “Os professores são os obreiros, que irão erguer as construções do futuro”. Freinet (1969) os considera não propriamente mestres, mas, sobretudo guias, amigos e encorajadores da criança.

3.3 - Práticas das aulas passeios nos Estágios do Ensino Fundamental e EJA

O Estágio de Ensino Fundamental dos Anos Iniciais foi realizado em uma escola pública que atendia na sua maior parte, moradores de uma comunidade local.

Foi uma experiência bem diferente dos outros estágios que fiz e apesar de morar bem próximo a essa comunidade, nunca tive a oportunidade de conhecer moradores de lá. Quando moramos perto sempre ouvimos historias da violência que acontecem, dos tiros disparados

muito frequentemente, das reclamações de trabalhadores que precisam sair e voltar para casa, enfim, mas quando participamos de uma rotina, onde ouvimos as vozes das crianças que moram naquela comunidade é muito diferente.

a “Pedagogia Freinet” da escola Moderna tem a pretensão de contribuir não só com as respostas indispensáveis, além das respostas teóricas cada vez mais fáceis, mas também, sobretudo, com a prova de que as teorias generosas dos grandes pedagogos podem atualmente tornar-se realidade (são já realidade em determinados meios escolares, onde tem evidenciado os seus benefícios); por isso, vislumbra-se agora uma luz verde nas vias ainda caóticas do futuro (FREINET, 1973, p. 15).

Foi uma experiência marcada por alguns conflitos que normalmente uma comunidade do Rio de Janeiro vive atualmente. Eu como estagiária, presenciei momentos difíceis com professores e alunos. Percebi que o desafio de ensinar é mais complexo quando elementos como a pobreza e a violência estão presentes. Professores tentam fazer com que os limites dos muros dos colégios sejam um espaço pacífico para o ensino. Mas na maioria das vezes, o professor precisava lidar com os relatos vindos dos alunos sobre as histórias de violência que tinham vivido no dia anterior, suas revoltas desencadeavam discussões que muitas vezes, o professor, não conseguia controlar. Eu como observadora, me senti desconfortável e vulnerável em vários momentos. Os desenhos e textos livres, muitas vezes, mostravam em poucas linhas, como aquele aluno vivia, quem era sua família e como se sentia. Impressionante captar isso em seus comportamentos e em pequenas linhas, em um curto espaço de tempo que estive na escola. Os textos que produziam, falavam sempre sobre o lugar que moravam, pareciam que não conheciam outro lugar, somente a trajetória casa e escola e quase não se lia algo de positivo, eles focavam muito na violência e no abandono da família.

As crianças tinham muita dificuldade de aprendizagem e não conseguiam se concentrar na aula. Aulas passeios nessa escola, por exemplo, acontecia muito raramente, uma das professoras me relatou que devido a todos esses problemas e também pelo fato dos pais acharem que não eram “aulas”, e sim “brincadeiras”, nem mandavam os filhos para a escola. A escola não tinha muito espaço físico para desenvolver muitas atividades fora de sala de aula. Mas mesmo assim, tentava desenvolver um projeto voltado para tal.

Existia uma programação de saída com as crianças, mas devido ao fato de estarem vivendo uma guerra do Tráfico, e foi assim até o dia da minha saída, os professores não tinham conseguido concluir essa atividade por conta desse problema. Outra seria uma aula

passeio através da visita a um mercado da comunidade onde poderiam desenvolver questões de Matemática (comparação de preços, cálculo, conjuntos, etc.) e Português (ortografia, agrupamento, etc.). As professoras se esforçavam bastante pra tentar concluir outras tarefas mais simples, como por exemplo, o cuidado do jardim e de uma horta que havia ao lado do terreno da escola, o trabalho das crianças com atividades manuais; no lidar com a terra, com os bichos e no relacionamento com os colegas. Percebi que quando saiam da sala de aula, para essas atividades, ficavam menos agressivos com os colegas e muito mais interessados em aprender. Conseguiram conversar em um tom baixo, sem gritarias com os colegas, escutavam a professora, sem reclamar, muito diferente da sala de aula. Isso em uma simples saidinha de sala imagine então se essas crianças pudessem ir ao museu, a um passeio histórico, uma biblioteca, enfim, pudessem ter outras oportunidades, Fiquei imaginando, como poderiam mudar suas atitudes, poderiam sonhar ter outras vivências e outros tipos de aprendizagens, e poderiam descobrir habilidades que nem conheciam, e o que eles precisavam eram sair um pouco da “caverna”. Se essas crianças pudessem, tivessem a chance disso, muita dessa agressividade diminuiria, sem falar na aprendizagem que eles teriam, novas experiências, novos lugares.

Foi uma experiência de estágio que confrontou muito com toda violência que vemos na televisão que a cidade do Rio de Janeiro vive atualmente, onde temos que lidar com a revolta, raiva e descontrole de muitas crianças... E por outro lado, com professores, que muitas vezes não sabem lidar com essa situação, por ser realmente muito difícil e desafiador. Por outro lado, foi uma experiência que me mostrou que uma aula fora da sala de aula, mesmo que o mais simples possível, tem o poder de transformar comportamentos, instigar a curiosidade e melhorar a aprendizagem.

Já o estágio na Educação de Jovens e Adultos no CREJA, Centro de Referência na Educação de Jovens e Adultos, foi algo bem diferente do que já tinha visto, talvez por se tratar de pessoas adultas e experientes. Quando realizei, a escola estava trabalhando num projeto literário, que envolvia a leitura de um livro.. O livro conta algumas memórias da autora, que quando criança fez em uma viagem para a casa da tia, de realengo, passando pela central do Brasil até Copacabana. Eles já estavam no final do projeto e na programação estava agendada uma aula passeio no centro do Rio de Janeiro. Esse passeio tinha muita relação com o livro, um passeio por alguns pontos, por onde a autora também havia passado, alguns prédios e igrejas do Centro do Rio, Central do Brasil, tudo bem próximo ao CREJA. Foi uma atividade muito interessante, pois todos tinham histórias para contar e na mesma semana produziram

textos livres sobre a aula passeio e relacionaram com suas vindas para o Rio de Janeiro, pois a maioria veio para o Rio em busca de trabalho e melhores condições de vida. No dia da aula houve muitos faltosos, e a professora me explicou que era muito difícil realizar esse tipo de aula na EJA. Muitos não encaravam como uma aula, achavam perda de tempo e preferiam ficar em casa trabalhando ou fazendo outras coisas “mais importantes”. Além do mais não tinham mais idade para isso, e que só a escola ensinava, não aceitavam a ideia de passeio junto com a aprendizagem. Por mais inacreditável que pareça, muitos tinham pressa para aprender apenas a ler e escrever somente para assinar seu nome e escrever para parentes distantes.

Por outro lado, os poucos que iam, queriam aprender tudo. Pois para eles era talvez a última oportunidade que tinham de estarem e de se relacionarem num ambiente escolar. Tinham prazer em fazer os textos livres e misturavam o que haviam visto ou sentido com a saudade do seu passado, em outro estado, em outras cidades. Além dos textos, participaram de uma roda de conversa com a própria autora do livro do projeto que tinha sido convidada pela escola. Foi emocionante relatarem a aula passeio e como se identificavam em diversas situações do livro. Percebi no pouco tempo que fiquei ali, que tinha sido uma semana muito produtiva, onde eles já se perguntavam quando a atividade iria se repetir. Ou seja, o resultado foi muito positivo. Acreditamos que as técnicas utilizadas com crianças e apresentadas por Freinet possam ser também empregadas com alunos jovens e adultos da EJA, pois trabalham a sua significação, experiência e vivência.

Acredita-se que a aula-passeio (FREINET, 1973) seja uma excelente opção de atividade para ser construída com os alunos em todas as etapas, educação infantil, anos iniciais, EJA, inclusive na Universidade. Se houver o engajamento de todos (alunos, professores, equipe diretiva), certamente será a oportunidade para que novas aprendizagens aconteçam. Foi possível perceber que os alunos relataram as aprendizagens obtidas nas atividades de saída realizadas durante o estágio e pude constatar que grande parte deles consideram as atividades extraclasse como momentos de aprendizagem.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando tomamos como base a prática pedagógica de Freinet, chegamos a conclusão que a aula-passeio é uma prática indispensável no aprendizado de nossas crianças e um componente mais que necessário para a grade curricular. É a possibilidade de olhar o aluno de forma mais atenta e seu sentimento de realização. Conforme observado, a aula-

passaio é simplesmente a necessidade que o professor precisa, para trazer o significado do aprendizado de forma mais livre e permitir que os alunos observem e explorem o mundo ao seu redor. O estudo questionado traz a metodologia de Freinet, sendo de grande importância na educação, assim como sua prática pedagógica que toma como base o lado espontâneo da criança. Durante o estudo foram observadas as técnicas de Freinet, como foi pensada e colocada em prática pelo Pedagogo, também a sua contribuição como meio metodológico de trabalho.

Para Freinet (1969) não se forma a criança, coloca-se à sua disposição o máximo de elementos, o máximo de possibilidades para que, partindo do que ela é e do seu meio, alcance o desenvolvimento social e individual de que é capaz. Para ele a criança ia além dos símbolos e letras. Depois das experiências em lugares tão diferentes, acredito na possibilidade de transformação na nossa educação, as escolas que conheci se mostraram sensíveis ao que os alunos necessitam. Observei que as crianças precisam de amor, de cuidado, de experiências que acionem seus sentidos, que lhe façam ser cheias de curiosidade e desejo de querer aprender sempre mais. Mas é necessário o olhar do professor ir de contramão ao método conteudista, mesmo diante de tantas dificuldades, ver o que seus alunos realmente precisam os conteúdos que precisam aprender para a vida, que está além desses conteúdos que a escola determina.

Assim dizia o ensinamento de Freinet, quando falava dos professores, ame-os e ensina-os além dos conteúdos destinados a escola, mostre os conteúdos que deverão aprender para a vida, que estão além dos muros da escola.

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREINET, C. **Para uma Escola do Povo**. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

FREINET, E. **Nascimento de uma Pedagogia Popular – Métodos Freinet**. Lisboa: Editorial Estampa 1969.

FREINET, C. **Pedagogia do Bom Senso**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

FREINET, Celestin. **As técnicas Freinet da escola moderna**. Trad. Silva Letra. 4ª ed. Lisboa: Estampa 1975.

FREINET, É. **Nascimento de uma Pedagogia Popular**. Lisboa: Editorial Estampa 1978

FREINET, Élise . **O itinerário de Celestin Freinet: a livre expressão na pedagogia Freinet**. São Paulo: Francisco Alves, 1979.

FREINET, C. **Ensaio de Psicologia sensível**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker F. **A aula passeio transformando-se em aula de descobertas**. In: ELIAS, Marisa D. C.(org.). **Pedagogia Freinet: teoria e prática**: Campinas, SP: Papyrus, 1996.

SAMPAIO, Rosa M.W. Freinet: **Evolução histórica e atualidades**. São Paulo: Scipione, 2007.

SITES:

www.escolacurumim.com.br/PedagogiaFreinet/corpo.htm . Acessado em 25/08/2017.